



Ciência & Saúde Coletiva

ISSN: 1413-8123

cecilia@claves.fiocruz.br

Associação Brasileira de Pós-Graduação em  
Saúde Coletiva  
Brasil

Onocko Campos, Rosana  
Pesquisa em Saúde Mental no Brasil: through the looking-glass  
Ciência & Saúde Coletiva, vol. 16, núm. 4, abril, 2011, pp. 2032-2033  
Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva  
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63018472001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Pesquisa em Saúde Mental no Brasil: through the looking-glass

*"But I don't want to go among mad people," Alice remarked.  
 "Oh, you can't help that," said the cat: "we're all mad here. I'm mad. You're mad."  
 "How do you know that I'm mad?" said Alice.  
 "You must be," said the cat, "or you wouldn't have come here."*

Lewis Carroll, 1865

A pesquisa em Saúde Mental no contexto da Saúde Coletiva brasileira vem aumentando nos últimos anos de maneira significativa. Essa produção escoa nas revistas da área e transborda para publicações de áreas afins, como psicologia, psiquiatria, ciências sociais em geral e outras. Houve também, nos últimos anos, números especiais dedicados a essa temática, o aparecimento de novas revistas e até mesmo um número recente da prestigiosa revista **Lancet**, em que o sistema de Saúde Mental brasileiro foi objeto de análise e de elogios.

Os textos fundadores, inicialmente teses e material hoje considerado "cinza", apresentaram imperativos éticos e renovadores. A Reforma Psiquiátrica brasileira alterou de forma inegável as práticas cotidianas, expandiu os serviços e impactou a configuração do campo acadêmico. Por isso, hoje, definirmo-nos como antimanicomiais continua sendo importante como outrora, porém já não é mais suficiente. Novos problemas e questões se apresentam para a pesquisa. Como cientistas, é nosso dever ético-político não somente proclamar que rejeitamos essa forma inumana e excludente de lidar com o sofrimento psíquico. Somos compelidos, também, a dizer que práticas recomendamos e a argumentar em seu favor, construindo novas evidências.

Esses aspectos apresentam-se com intensidade renovada no momento atual, apontando para as próprias agências financiadoras a necessidade de estimular a pesquisa em Saúde Mental. Editais específicos do CNPq e das fundações de amparo à pesquisa podem ser mapeados por trás do referido aumento da produção científica e de vários dos artigos aqui reunidos. Pode-se constatar a fertilidade dos estudos empíricos, da reflexão científica e da inovação das práticas.

Nosso campo reflete certo ecletismo metodológico, no qual pesquisas de caráter qualitativo, etnografias, estudos hermenêuticos e interpretativos, desenhos mistos, pesquisas avaliativas participativas e estudos clássicos de cunho epidemiológico conversam entre si, porém sem abrir mão do rigor e das tradições que sustentam teoricamente o campo. Como raridade, atrevemo-nos a dizer que, na Saúde Mental, a parceria entre pesquisadores é mais usual do que na academia em geral, o que talvez tenha suas origens na longínqua militância comum, baseada em princípios éticos como os da não exclusão. Apontamos aqui o fato de que os pesquisadores em Saúde Mental brasileiros costumam citar-se uns aos outros, o que não acontece com tanta frequência na Saúde Coletiva (fato comentado como empecilho para a melhora do índice de impacto das publicações).

Mais pesquisadores envolvidos com os serviços, mais financiamento induzindo pesquisas, aumento da produção em termos de publicações: quem lê pode achar que descrevemos o paraíso. Não nos iludimos. Há inúmeros desafios pela frente. Entre os principais (honrando a articulação entre pesquisa e prática), a necessidade de constituirmos uma forte aliança entre usuários e academia para nos fortalecermos para o combate contra o estigma, a participação dos portadores de sofrimento psíquico como cidadãos, a formulação de consensos básicos sobre o que sejam boas práticas na área, a denúncia e o basta à crescente hipermedicalização da vida! No que tange ao desenvolvimento científico e acadêmico, esses temas ainda estão engatinhando. A área mostra a pujança própria de campos problemáticos jovens. A realidade aponta para a relevância e a urgência de tais estudos. É nisso que muitos de nós, autores do presente volume da revista **Ciência & Saúde Coletiva**, vimos trabalhando, pois acreditamos que "very few things indeed were really impossible" (Lewis Carroll, *Alice's adventures in wonderland & through the looking glass*. New York: Penguin Group; 1960).

Rosana Onocko Campos  
**Universidade Estadual de Campinas**

## Mental Health research in Brazil: through the looking-glass

*"But I don't want to go among mad people," Alice remarked.  
"Oh, you can't help that," said the cat: "we're all mad here.  
I'm mad. You're mad." "How do you know that I'm mad?" said Alice.  
"You must be," said the cat, "or you wouldn't have come here."*

Lewis Carroll, 1865

Mental Health research in the context of Collective Health in Brazil has been increasing significantly in recent years. The output is to be found in the journals of the area, and even spilling over into publications in related fields such as psychology, psychiatry, the social sciences in general, and others. In recent years, there have also been special editions devoted to this theme, as well as the launch of new magazines and even a recent issue of the prestigious journal *Lancet*, in which the Brazilian Mental Health system was the object of analysis and praise.

The early texts, initially in the form of theses and unpublished material considered epoch-making, proposed ethical and renovating imperatives. The Brazilian Psychiatric Reform indubitably altered day-to-day practices, expanded services and impacted on the configuration of the academic field. For this reason, today, defining ourselves as being opposed to asylums is still as important as before, but it is no longer sufficient. New problems and issues are calling for research. As scientists, it is our ethical and political duty not only to proclaim that we reject this inhumane and exclusionary way of dealing with psychological distress. We are also compelled to say what practices we recommend and to argue in their favor by producing new evidence.

These issues assert themselves with renewed intensity at the current juncture, as it is necessary to stress to the funding agencies themselves the pressing need to foster research in Mental Health. The presence of specific notices by CNPq and foundations that fund research can be detected behind this increase in scientific production and several of the articles gathered here. We can clearly see the fertility of empirical studies, of scientific thought and of innovation in practices.

Our field reflects a certain methodological eclecticism, in which research of a qualitative nature, ethnographies, hermeneutic and interpretive studies, mixed designs, participatory and evaluative research and classical studies of an epidemiological stamp all intersect, albeit without sacrificing the rigor and traditions that theoretically support the field. Amazingly, we venture to say that in Mental Health the partnership among researchers is more common than in academia in general, which may have its origins in the long-standing common militancy, based on ethical principles such as those of non-exclusion. We would point out here that Brazilian Mental Health researchers often cite each other, which does not happen as often in Public Health (this fact is seen as an impediment to improving the impact indicators of the publications).

More researchers involved in services, more funding to foster research, increased production in terms of publications: anyone reading this may be tempted to think that we are describing paradise. Let us not delude ourselves. There are many challenges ahead. Among the main ones (honoring the connection between research and practice), is the need to forge a strong alliance between users and academia, to empower us to fight against the stigma, to assist in our civic participation with people afflicted by psychic distress. For this, we need to come to a basic consensus about what good practices in the area should be, and reject the increasing hyper-medicalization of life! With respect to the scientific and academic community, these topics are still in their infancy. Our area shows the vigor and vitality that are the hallmark of nascent problematic fields. The reality points to the relevance and urgency of such studies. This is what many of us, namely the authors of this volume of *Ciência & Saúde Coletiva*, have been working towards, in our firm belief that "very few things indeed were really impossible" (Lewis Carroll, *Alice's adventures in wonderland & through the looking glass*. New York: Penguin Group; 1960).

Rosana Onocko Campos  
*Universidade Estadual de Campinas*